A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA TEÓRICO-SISTEMÁTICA

MÁRIO LINS

TESE APRESENTADA AO II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA (RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1953).

I

A ciência é uma racionalização do empírico; um dos seus intentos é descobrir a ordem existente na natureza, para o que se impõe seja racionalizada a realidade empírica. Esta racionalização é um lento processo histórico, cujas origens remontam aos primórdios da humanidade. Que a história da ciência é uma crescente racionalização do empírico constitui um fato objetivo; o que tem variado é, apenas, a interpretação que se dá à existência dêsse fato. Para uns, êsse processo resulta numa pura redução ao racional, enquanto que para outros, numa pura redução ao empírico. Não há, todavia, essa redução unilateral, pois, o que se verifica em última análise é uma crescente consolidação da síntese dêsses dois fatores (1).

---

(1) Cr. OTTO NEURATH, "Unified Science as Encyclopedic Integration", in INTERNACIONAL ENCYCLOPEDIA OF UNIFIED SCIENCE (Chicago: The University of Chicago Press, 1940), vol. I, n.º 1, pp. 1-27.

Um dos objetivos da ciência é a construção de um sistema de símbolos que tenha uma base empírica. Sendo (S) o sistema dos símbolos, (D) os dados empíricos e (O) as operações racionais, temos que a dependência do sistema seria a função: = f (D, O). Os puros racionalistas, admitindo que o sentido dos símbolos (S) é uma mera função das operações (O), tornam pràticamente negligenciável a atuação dos dados (D), daí levando-nos a reduzir a função a S = f (O). Os puros empiristas insistindo, ao contrário, sôbre a exclusiva importância dos dados (D), negligenciam os fatores operacionais (O), reduzindo a função a S = f (D) (2). A redução, portanto, nada mais é que o resultado de uma parcialização do processo do conhecimento, a qual terá de ser superada através de uma síntese dêsses dois aspectos.

II

Êste processo de racionalização, sendo básico à ciência em geral, não poderá deixar de abranger a sociologia como ciência. Em sua estrutura lógico-conceitual o desenvolvimento da teoria científica envolve quatro fases fundamentais:

(I) A primeira, chamada a preparatória, constitui a fase embrionária. Nessa fase estamos ainda no plano meramente descritivo, donde predominar a tentativa para a descrição dos fenômenos através da declaração, ordenação e associação.

(II) Na segunda já se admite que a mera descrição é insuficiente para a construção teórica. Procura-se, então, superá-la através da explanação, que se baseia não só no método de abstração, como também no de concretização, com

(2) Ver CORNELIUS BENJAMIN, AN INTRODUCTION TO THE PHILOSOPHY OF SCIENCE (New York: The Macmillan Comp,. 1937), pp. 148-149.

o qual se visa validar a formalização do abstrato.

(III) O objetivo na terceira fase é aumentar o conteúdo da explanação de modo a ser possível a verificação de proposições já conhecidas prèviamente.

(IV) Na quarta fase visa-se não pròpriamente a dedução de proposições já conhecidas, mas de proposições descritivas de dados a serem descobertos, com o que se terá o poder de predição da teoria (3).

A teoria, uma vez construída, deverá ser verificada, o que é feito através de dois processos básicos: (a) o primeiro consiste nas implicações que da hipótese são deduzidas para efeito de obter-se o seu poder de predição e (b) o segundo é a comparação que se faz entre as implicações da hipótese e os dados experimentais para que se tenha a sua confirmação. Tôda teoria tem um poder sistemático que será maior ou menor segundo sua capacidade para explanar o fenômeno. O poder sistemático de uma teoria (T) em relação a um conjunto finito (K) de dados é, então, o grau com que (T) sistematiza dedutivamente os dados contidos em (K). Êste poder se acha intimamente relacionado com o grau de confirmação ou probabilidade lógica da teoria; uma explanação teórica não plenamente adequada se o seu **explanans** não pode servir de base para a predição dos fenômenos em análise (4).

Uma teoria científica, ao lado de uma estrutura lógico-conceitual, deve ter uma base empírica na qual essa estrutura há de apoiar-se. Dessa interrelação decorre que: (a) se não há dedução lógicas, ou se as implicações não são válidas, não há pròpriamente teoria; (b) se as deduções implicam condições de obser-

(3) Cf. CORNELIUS BENJAMIN, op. cit., pp. 214-230.

(4) Cf. CARL G. HEMPEL and PAUL OPPENHEIM, "Studies in the Logic of Explanation", PHILOSOPHY OF SCIENCE, vol. XV (April, 1948), pp. 164-165.

vação que não podem ser obtidas, a teoria é metafísica; (c) se a dedução não é confirmada quando ocorrem as condições, a teoria é falsa (5).

III

Em face da maior complexidade dos dados com que opera a sociologia, a sua sistemática não se encontra na mesma fase de precisão em que se acham outras ciências. Analisando essa situação no que concerne à ciência econômica, o professor Nortrop acentua alguns dos principiais traços característicos do **status** das teorias econômica e física, os quais são extensivos à teoria sociológica.

Um exame da teoria física (mecânica newtoniana) nos revela que há na sua estrutura, pelo menos, dois principais fatores: (1) a definição do estado do sistema a um tempo dado t e (2) a relação de conexão necessária (implicação formal) entre a especificidade dêsse estado em um tempo t e sua especificidade em qualquer tempo posterior t'. Na mecânica newtoniana êsses dois fatores são atuantes, não só porque aí se pode determinar com precisão o estado do sistema em um tempo dado, como também porque os conceitos de momentos e posição dão, não apenas as propriedades genéricas de um sistema qualquer, mas as propriedades específicas que nos permitem distinguir um sistema de outro.

Na teoria sociológica êsses fatores não atuam com a mesma intensidade. Aí os postulados e os teoremas que deles são deduzidos ficam quase que adstritos às propriedades gerais do sistema, não abrangendo pràticamente a determinação de suas propriedades específicas (6). Dessa deficiência decorre ser mais forte o poder sistemático da teoria física que o

---

(5) Ver C. I. HULL, "The Conflicting Psychologies of Learning: A Way Out", PSYCHOLOGY REVIEW, vol. 42 (November, 1935), pp. 512-513.

(6) Ver F. S. C. NORTHROP, THE LOGIC OF TRE SCIENCES AND THE HUMANITIES (New York: The Macmillan Comp. 1948), pp. 243-254.

da teoria sociológica. Na primeira, sendo mais fácil o contrôle operacional das variáveis situacionais, maior será com consequência o poder da predição, enquanto que na segunda a menor estabilidade das variáveis impede uma maior segurança na sua predição.

IV

Não obstante essa diferença, relevantes esforços vêm sendo realizados no sentido de desenvolver-e a teoria sociológica, destacando-se a fecunda contribuição do professor Parsons. Para êle a categoria básica de tôda descrição científica tem como suporte um sistema empírico sôbre o qual a teoria é constituída. Após acentuar o grave êrro consistente no divórcio entre os que nas ciências sociais tendem para um puro empirismo ou para uma abstração teórica, conclui que;

(a) Não é possível o desenvolvimento de uma ciência empírica sem que haja a estrutura de um sistema conceitual generalizado (teoria). Os fatos científicos não são mera acumulação de descobertas isoladas, mas correlacionados numa estrutura lógica (esquema teórico).

(b) Sendo a teoria uma decorrência da estruturação científica, o dilema não está em fazer ou não fazer teoria, mas em fazê-la de modo conciente e explícito ou não pretender fazê-la, porém, de qualquer maneira deixando implícita, embora de forma vaga e inconsciente.

(c) O melhor tipo de teoria para as ciências sociais seria o analítico generalizado que, tanto se aplica a estas últimas como às ciências físicas, se bem que nas ciências sociais se torne sua aplicação altamente complexa, em face da maior instabilidade das suas variáveis operacionais.

A teoria analítica é um "corpo de generalizações interrelacionadas (universais lógicas), nas quais

os fatos específicos (particulares) são proposições descritivas de fenômeno empíricos". Os valores do universal lógico são representados pelos fatos particulares (empíricos) a que o universal se aplica (7).

Sem essa interrelação entre os elementos lógicos da teoria e os fatos empíricos que ela procura estruturar, teremos na sistemática sociológica uma separação artificial que será fatal ao seu desenvolvimento. Dêsse modo, essa sistemática terá de estruturar-se no que Pareto chamou de teoria lógico-experimental, cujas características são as seguintes: (1) ela é constituída de proposições que se derivam de uniformidades experimentais, bem como das suas consequências lógicas; (2) o julgamento das suas condições é feito através da experiência objetiva, a que se seus princípios são sempre subordinados; (3) sua estrutura lógica procura assentar-se nas propriedades decorrentes dos próprios fatos, dos quais extrai as relações de interdependência funcional (8).

V

Quando a análise de um determinado fenômeno nos possibilita o encontro de certas características lógico-funcionais, que constituem um dado de comprovação objetiva, temos aí um fato científico. Partindo da existência dêsse fato o cientista procura, estruturá-lo num sistema conceitual, de modo que, pela sua formalização, se torne possível a derivação de proposições que, além de sua conexão lógica, tenham caráter experimental.

Seltiz e Cook, tratando da importância que tem a pesquisa para a estruturação da sistemática socio-

---

(7) Cf. TALCOTT PARSON, "O Papel da Teoria na Pesquisa Social", in SOCIOLOGIA, vol. VIII (1946), pp. 192-202; "The Present and Prospects of Systematic Theory in Sociology", in TWENTIEH CENTURY SOCIOLOGY (New York: The Philosophical Library, 1945), pp. 42-69; STRUCTURE OF SOCIAL ACTION (New York: McGraw-Hill Book Comp., 1937), passím.

(8) VILFREDO PARETO, TRAITÉ DE SOCIOLOGIE GENERALE (Paris: Librarie Payot & Cie., 1917), vol. I, pp. XIII-VVI.

lógica, salientam que: (a) os resultados da pesquisa deverão ser aplicáveis a situações empíricas, (b) bem como que as investigações, para terem significação científica, hão de possibilitar a formulação e a verificação de hipóteses (c) de modo a darem as bases dos princípios aplicáveis não só à situação particular investigada como a outras situações (generalização). Para isso temos de: (1) definir o problema dentro da respectiva área de investigações (observação); (2) abstrair, dentro dessa área, hipóteses que tenham sentido em uma variedade de situações; (3) formular hipóteses com rigorosa precisão, extraindo-se as consequências que delas se derivam (dedução); (4) investigar, dentro de novas situações, se as consequências deduzidas das hipóteses têm validade (verificação (9).

A sistemática sociológica não pode, assim, prescindir de uma base lógico-conceitual que dê sentido e organização aos fatos sociais empíricos. Se, como observa Merton, os "conceitos constituem definições (ou prescrições) do que deve ser observado", atuando como "variáveis através das quais as relações empíricas são encontradas" (10), é evidente que sem essa base a sociologia não poderá desenvolver-se como ciência. Uma ciência é mais que uma simples coleção de fatos empíricos; ficar-se nessa simples descrição seria condená-la a um puro empirismo, que não nos possibilitaria estabelecer as bases da predição (11. Daí porque faz-se preciso que o cientista social, operando sôbre essa massa empírica, possa es-

(9) Ver C. SELLTIZ and STUART W. COOK, "Can Research in Social Science Be Both Socially Useful and Scientifically Meaningful?", in AMERICAN SOCIOLOGICAL REVIEW, vol. XIII (August, 1948), pp. 454-459.

(10) ROBERT K. MERTON, "Sociological Theory", in THE AMERICAN JOURNAL OF SOCIOLOGY, vol. L. (May, 1945), p. 465.

(11) Cf. ROBERT BIERSTEDT, "A Critic of Empiricism in Sociology", in AMERICAN SOCIOLOGICAL REVIEW, vol. XIV (October, 1949), pp. 584-591 e JOHN C. MCKINNEY, "The Role of Constructive Typology in Scientific Sociological Analysis", in SOCIAL FORCES, vol. 28 (March, 1950), pp. 235-240.

truturar as suas relações causais num **pattern** de coerência lógica.

Há no momento uma considerável massa de fatos sem sistematização teórica, contrastando com uma situação anterior em que havia uma pletora de sistemas teóricos sem base empírica. Estruturar êsses fatos dentro de um sistema de consistência lógico-conceitual constitui um dos grandes esforços dos sociolópos atuais.